

# *Léah et une autre histoire:* notas sobre uma tradução do conto migueisiano

Maria Eugénia Pereira

Universidade de Aveiro

**Palavras-chave:** José Rodrigues Miguéis, *Léah e outras histórias*, Marie Claire Vromans, *Léah et une autre histoire*, tradução.

**Keywords:** José Rodrigues Miguéis, *Léah e outras histórias*, Marie Claire Vromans, *Léah et une autre histoire*, translation.

L'écrivain se traduit lui-même comme s'il s'agissait d'un autre,  
le traducteur écrit l'autre comme s'il s'agissait de lui-même  
Pablo De Santis, *La Traduction*.

José Rodrigues Miguéis confiara, numa carta dirigida a Mário Neves, que a escrita era para ele o seu «único refúgio», a sua «cura de paz»<sup>1</sup>. Mas já antes testemunhara que não conseguia fazer outras coisas, «Porque não [podia] pôr nelas a verdade e a sinceridade que punha»<sup>2</sup> na literatura. Com efeito, José Rodrigues Miguéis fora um homem de letras, um contador de histórias cujo memorialismo acutilante toma a forma de uma «lembrança saudosista» (Serra, 1994: 126). Forçado a viver da memória de um passado, refugia-se na ficção para exprimir uma realidade interior, onde terras, pessoas, objectos, cheiros e pensamentos estabelecem uma continuidade com o presente.

No conto «Léah», José Rodrigues Miguéis volta a relembrar um lugar onde permanecera durante o seu exílio – Bruxelas –, pessoas – patroas de pensões como a Madame Lambertin, imigrantes que partilhavam o mesmo tecto que ele –, cheiros – «o fartum

<sup>1</sup> Carta escrita em Nova Iorque em 22 de Novembro de 1960 (Neves, 1990: 215).

<sup>2</sup> Excerto de uma carta enviada de Nova Iorque, datada de 29 de Novembro de 1947 (ibid.: 175).

odioso das batatas fritas em sebo de carneiro» (Miguéis, 1983: 12) – e pensamentos nostálgicos que o avassalavam nos momentos de solidão. O ambiente de Carlos, a personagem principal, fora, em tempos, o ambiente do autor – razão pela qual se faz uso da primeira pessoa, a técnica narrativa da memória – e, por tal facto, a condição do narrador-personagem confundir-se-á com a do seu criador: estamos perante um estrangeiro que sofre de apertuguesamento, que vive de um sentimentalismo que o aprisionará à sua situação de estrangeiro sofredor.

Ora, eis que uma tradutora, Marie Claire Vromans, decidiu restituir, em língua francesa, este conto migueisiano, onde a saudade metamorfoseou a realidade em ficção e o vivido em sentido. Em forma de jogo, dá à tradução da colectânea o título «Léah et une autre histoire» – com efeito, só uma outra história, «L'Importance de la raie des cheveux», foi objecto de reescrita em língua segunda por parte desta professora universitária.

*A priori*, o facto de a tradutora ser de origem belga não surpreenderá o leitor: quem melhor que um/uma belga para traduzir o ambiente «bruxellois», para exprimir os sentimentos das pessoas da sua terra? Mas o facto é que é sob a perspectiva de um português imigrado, Carlos, que descobrimos espaço e personagens, que descortinamos pensamentos e ideias, que desvendamos frustrações e desejos, em suma, que avançamos por entre um mundo visto sob os olhos de um português e que, por tal facto, o transforma. Françoise Wuilmart, ao discursar sobre o processo «tradutivo», esclarece que:

L'instrument de l'auteur est sa langue qu'il manie et modèle pour créer une forme littéraire. Or cette langue héberge jusque dans ses plus petits recoins ni plus ni moins qu'une culture décantée, avec son passé, sa vie présente, ses références multiples. (...) Bref, en un mot comme en cent : une langue reflète une vision du monde. Faire passer cette vision du monde dans une autre langue qui voit les choses différemment, c'est la quadrature du cercle. Le traducteur sera donc forcément un traître. Contre sa volonté. (Wuilmart, 2000: 17)

Assim, e a fim de minorar os estragos do texto de partida para o texto de chegada, há que impregnar-se do texto base, saber lê-lo e entrar nele como que para o dissecar, para lhe descobrir o fio condutor, os campos semânticos, a forma física. Ora, pensamos que Marie Claire Vromans procurou restituir o texto base sem, primeiro, se demorar na fase de impregnação, para descobrir o que nele podia ser ao mesmo tempo problemático e auspicioso: o sentimento de desenraizamento de um imigrante português. Talvez porque a tradutora não tenha conseguido renunciar à literalidade, com medo de não permanecer fiel ao texto, ou negociar com o bom senso para impor limites às palavras equivalentes, para manter o equilíbrio entre as partes e o todo, isto é, o conto.

Como nos diz Umberto Eco, em *Dire presque la même chose. Expérience de traduction*<sup>3</sup>, no processo de negociação várias partes estão em jogo:

<sup>3</sup> Optámos pela tradução em francês, pelo facto de esta ser mais fiel ao texto original.

(...) d'un côté, il y a le texte source, avec ses droits autonomes, auquel s'ajoute, quand il est vivant, l'auteur empirique, avec son éventuel désir de contrôle, sans oublier la culture où le texte est né ; de l'autre, il y a le texte d'arrivée, la culture où le texte paraît, avec les attentes de ses probables lecteurs, et enfin l'industrie éditoriale, qui fixe des critères différents selon le texte d'arrivée est conçu pour une austère collection de philologie ou pour des livres de divertissement. (Eco, 2003: 18-19)

Apesar de não conhecermos as condições editoriais a que Marie Claire Vromans foi submetida, podemos considerar que a sua tradução carece de desafios, de ousadias que trariam autenticidade e alteridade ao texto de chegada. Porque o texto é um organismo vivo, o facto de se traduzir as suas palavras sem atender ao seu funcionamento global, retira coesão ao contexto no qual elas se encontram inscritas. Sem relação com o texto, como um todo, a palavra priva o texto de partida da sua identidade, desvirtua-lhe o sentido.

No discurso narrativo migueisiano, a língua possui um nível ideológico, porque fora criada «num sistema social por uma classe ou grupo», diz-nos Ronald W. Sousa, «a partir do lugar que ocupa nesse sistema e mantida pelos membros desse grupo – com variações individuais, evidentemente – com base nas suas percepções e no seu discurso» (Sousa, 2001: 85). Mas debrucemo-nos, por ora, sobre passos da tradução de Marie Claire Vromans, confrontando-os com os do texto base, para compreendermos as lacunas, os incidentes que o tornam irreconhecível:

La porte s'ouvrit et je vis apparaître une femme **forte**<sup>4</sup>, **rose**, blonde et mal peignée, avec un tablier à **raies** bleues, d'ailleurs **assez défraîchi**. Elle sourit et **m'accueillit** cordialement. C'était la **patronne** – **Anne Marie**, Madame Lambertin «**pour vous servir**». (Miguéis, 1994: 9)

A porta abriu-se e vi aparecer uma mulher **forte**, **rosada**, loira e mal penteada, **com** um avental de **riscado** azul, por sinal um pouco **enxovalhado**. Sorriu-me e **acolheu-me** cordialmente. Era a **patroa** – **Annette-Marie**, Madame Lambertin «**para o servir**». (Miguéis, 1983: 11)

Neste passo do texto traduzido, Marie Claire Vromans procurou encontrar equivalências de significado, mas que, por se encontrarem revestidas de uma segura sinonímica, não coincidem com a equivalência conotativa e colocam um problema: por um lado, as palavras «forte», «rose», «accueillit» e «patronne» são usadas de forma literal, sem consciencialização do contexto em que elas se encontram e tornam, por isso, a descrição ambígua, o discurso complicado, o estilo espinhoso; por outro lado, ao escolher «raies» e «défraîchi» para traduzir, respectivamente, «riscado» e «enxovalhado», a tradutora falha, uma vez mais, nas equivalências de significado, comprometendo a própria língua

<sup>4</sup> Decidimos destacar em negrito tudo aquilo que consideramos colocar problemas à tradução.

de chegada. Encontramos, ainda, e sem explicação, uma inexactidão no próprio nome da patroa da pensão, Annette-Marie, que é, no texto de chegada, Anne-Marie.

Assim, e depois de nos termos inserido no conto, de ter procurado compreender o texto como um todo, tentámos traduzir este momento do discurso narrativo, esforçando-nos para respeitar a autenticidade da leitura que se ancorou no *corpus* textual integral, até porque este excerto pertence ao *incipit* do conto migueisiano:

La porte s'ouvrit et je vis apparaître une femme rondouillarde, aux joues rougeâtres, blonde et mal peignée, portant un tablier à rayures bleues, un peu encrassé d'ailleurs. Elle sourit et me reçut avec enjouement. C'était la propriétaire – Annette-Marie, Madame Lambertin «pour vous servir».

Na nossa interacção com o texto, compreendêramos que o criador agira na própria escrita para que o vissemos como narrador/protagonista, impulsionando-nos para uma extrapolação exterior, assente em preocupações sociais: Ronald W. Sousa afirma, a esse respeito, que «Bastante frequentemente, a questão da justiça social está implícita na base do argumento» (Sousa, 2001: 85). Mas também percebêramos que, nessa função de narrador, onde o autor se deixa apreender, existe uma atitude irónica que vem complicar, ao nível da linguagem, a interpretação do texto.

Sabendo, pois, de todas estas contingências, fomos ao encontro das palavras de partida para lhes dar um equivalente que aproximasse a parte ao todo: assim, ao traduzir «forte» por «rondouillarde» e «enxovalhado» por «encrassé» tentámos já dar forma irónica à língua de chegada; ao transformar «rosada» em «joues rougeâtres», «cordialmente» em «avec enjouement» quisemos deixar que o receptor destas poucas frases intuisse a atmosfera social da história; e, por fim, ao preferir «cordialement», a favor de «avec enjouement», pretendemo-nos antecipar e esboçar o tom do conto em português.

«En l'absence de traces adéquates», esclarece Umberto Eco, «une traduction doit s'appuyer sur des conjectures, et c'est seulement après avoir élaboré une conjecture plausible que le traducteur peut commencer à faire passer le texte d'une langue à l'autre» (Eco, 2003: 51). Ora, achamos que Marie Claire Vromans não soube escolher a acepção ou o sentido mais pertinente e o mais importante no contexto da obra e no que ele representa, senão vejamos:

«Léah!», criait l'hôte, **revêche** et **bref**. «*Oui, Monsieur Albert!*» **Et tu y volais depuis l'abîme**, avec une **diligence** d'oiseau que j'aurais bénie si elle m'avait concerné. Tu entrais, fermais la porte, **et c'était une suite de conversations, de discussions de silences, ou tout cela alternativement**. Et moi, **mordu de rage**, j'en arrivai plus d'une fois à écouter à la porte qui me séparait aussi de ce voisin là. (...)

Je ne pouvais pas lire, **j'avais des regrets, des énervements**, des haut-le-cœur. Parfois **c'était un cliquetis de verres, de monnaies**, et alors tous les soupçons du monde **m'emplissaient la tête**. (Miguéis, 1994: 16)

«Léah!», gritava o hóspede, **azedo e breve**. «*Oui, Monsieur Albert!*» **E voavas lá desde o abismo**, com uma **diligência** de ave que eu teria abençoado se fosse por mim. Entravas, fechavas a porta, **e seguiam-se conversas, discussões, silêncios, ou tudo isso alternadamente**. Eu, mordido de **raiva**, cheguei mais de uma vez a ir escutar à porta que me separava também daquele vizinho.

Não podia ler, **tinha nostalgias, nervos**, engulhos. Às vezes **tilintavam vidros, dinheiros**, e então todas as suspeitas do mundo **me enchiam a cabeça**. (Miguéis, 1983: 17-18)

Uma vez mais, a transliteração afigura-se perigosa, uma vez que o enunciado na língua segunda é praticamente literal. O estilo e o ritmo encontram-se minados pela aspereza de palavras, tais como «revêche», «bref», «mordu», «rage», quando outros termos, com equivalência de significado, teriam aligeirado o estilo. Poder-se-ia, pois, ter traduzido a primeira frase da seguinte forma: «“Léah!”, criait l'hôte, aigre et incisif. “*Oui, Monsieur Albert!*” Et tu t'y envolais depuis l'abîme, avec le soin d'un oiseau que j'aurais béni s'il m'avait concerné».

Não há que esquecer que, à semelhança do texto de chegada, o de partida tem uma finalidade estética e que, por isso, relações subtis têm de ser estabelecidas entre os níveis de expressão e os do conteúdo. O desafio do tradutor reside, precisamente, na capacidade de colocar esses dois níveis numa relação idêntica à que tinham no texto original. Essa relação não é, porventura, fácil de re-estabelecer, de re-criar pelo meio de uma outra língua que tem o seu próprio mundo, a sua própria realidade. Pensamos que, no caso desta tradução, o processo escolhido para constituição de sentido – o da literalidade – comprometeu a valorização estética do texto. Com efeito, as frases que acabámos de ler na tradução do texto de Miguéis para língua francesa pecam por falta de audácia, quer ao nível sintagmático, quer ao nível da escolha da urdidura lexical: a tradutora resolve simplificar a propriedade sintáctica da forma pronominal do português «*seguiram-se conversas, discussões*», ao substituí-la por uma fórmula deíctica que empobrece o estilo em língua de chegada. Assim, poderia ter optado pela construção seguinte: «*Tu entras, fermas la porte et des conversations, des discussions, des silences s'ensuivaient ou s'alternaient*».

Na procura de uma proximidade com o texto original, Marie Claire Vromans gere imprecisões, inexactidões que acabariam por adulterar o sentido do texto de base. Traduz, pois, «*mordido de raiva*» por «*mordu de rage*», quando «*fou de rage*» bastaria para não complicar a superfície do campo conceptual.

Outras imprecisões conduzem ao desconforto porque alteram o valor do campo semântico e complicam a compreensão do texto de chegada: traduz «tinha nostalgias, nervos, engulhos» por «j'avais des regrets, des énervements, des haut-le-coeur», quando a frase beneficiaria com a simplicidade de uma construção e de um léxico idênticos aos desta: «Je ne pouvais pas lire, je me sentais nostalgique, j'étais énérvé, j'éprouvai des nausées».

Jean-Louis Besson levanta uma questão pertinente e que pode ajudar a compreender as dificuldades encontradas na tradução do texto de Miguéis: «Peut-on adhérer à la spécificité d'une écriture étrangère sans heurter la langue française au point de la rendre difficilement audible, voir injouable ?» (Besson, 2004: 42). Talvez Marie Claire Vromans estivesse persuadida de que só uma literalidade bem controlada podia dar conta da fisionomia de uma língua e da energia do texto de origem. Talvez achasse que uma obra literária não deve ser definida pelo seu poder de comunicação, mas antes pela sua forma. Contudo, o facto é que essa suposição tê-la-á levado a equivalências impróprias, como, por exemplo «entreter» por «occuper» quando, no contexto, a palavra tem uma conotação sexual e, por isso, deveria ser traduzida por «distraire».

Existe, na tradução de Marie Claire Vromans, uma forte vontade de restituir palavras, modos de expressão, formas e, talvez também por isso, decide optar pelo «passé simple» como tempo de narração, mas, e talvez porque inconscientemente não o reconheça como «natural», comete imprecisões ao misturá-lo com um outro tempo da narração: o *passé composé*; se não vejamos: «Je me **retranchai** vers l'intérieur, révolté, et (nous les hommes, nous sommes ainsi!) je ne **pus** m'empêcher de censurer sa conduite. Tu **m'as dit** que vous étiez "brouillés" et qu'il voulait faire la paix» (Miguéis, 1994 : 28). Mais do que uma imprecisão, é uma incorrecção que incomoda o leitor na sua concepção de perfeição da linguagem escrita.

Preocupada que estávamos em explicar a ilegibilidade tradutiva que o texto de Marie Claire Vromans apresentava, errámos em não esclarecer que José Rodrigues Miguéis possui um fraseado específico, que a tradutora, certamente, não quisera ocultar, preferindo antes dar conta do jogo que o autor propõe. O problema é que não é possível transmitir a matéria desse jogo com toda a fidelidade, não é possível reproduzir em língua segunda o que o escritor quis dizer na língua de partida sem desvirtuar a forma. Por isso, Umberto Eco esclarece:

(...) tout en sachant qu'on ne dit jamais la même chose, on peut dire *presque* la même chose. A ce stade, ce qui fait problème, ce n'est pas tant l'idée de la *même* chose, ni celle de la *même chose*, mais bien l'idée de ce *presque*. Jusqu'où ce *presque* doit-il être extensible ? Cela dépend des points de vue (...). Etablir l'élasticité, l'extension du *presque*, cela dépend de critères qui doivent être négociés préalablement. (Eco, 2003: 8-9)

A sintaxe do conto «Léah», a sua forma de progredir, a sua respiração estão intimamente ligadas ao imaginário e ao jogo migueisiano; por isso, há que se ser poético para conseguir conjugar as palavras, os ritmos, as cores, o fôlego das frases, a energia dos diálogos. Uma grande tradução tem que tomar o nível poético em linha de conta, mas não deve fazer desaparecer o estilo do próprio escritor. A tradução não deve ser recriação, não deve deixar espaço a que se crie um *outro* texto. Há, por isso, que saber escolher o difícil «presque».

Marie Claire Vromans tentara alcançar esse difícil *presque* e nós ousámos re-negociar a sua solução, mudar as suas escolhas, quiçá sem saber verdadeiramente como interpretara o texto, como reagira a sua sensibilidade ao texto migueisiano, quando sabíamos que «L'idéal d'une traduction serait de rendre dans une autre langue rien de moins mais aussi rien de plus que ce qu'insinue le texte source» (ibid: 264).

## Bibliografia

- BESSON, Jean-Louis (2005). «Pour une poétique de la traduction théâtrale». *Cadernos de Literatura Comparada – 12/13. Teatro em Tradução*. Porto: Afrontamento, 37-47.
- Eco, Humberto (2003). *Dire presque la même chose : Expériences de traduction*. Paris: Grasset.
- MIGUÉIS, José Rodrigues (1983). *Léah e outras histórias*. Lisboa: Estampa.
- MIGUÉIS, José Rodrigues (1994). *Léah et une autre histoire*. Trad. em francês de Marie Claire Vromans. Orfeu.
- NEVES, Mário (1990). *José Rodrigues Miguéis: Vida e obra*. Lisboa: Caminho.
- SERRA, Ana Paula (1994). *A Sensibilidade de José Rodrigues Miguéis: Neo-realismo, saudosismo e exílio*. Tese de Doutoramento apresentada no Departamento de Espanhol e Português, New York University.
- SOUSA, Ronald W. (2001). «Nas asas de um arcanjo: implicações ideológicas da atitude narrativa de Miguéis». In ALMEIDA, Onésimo Teotónio (coord.). *José Rodrigues Miguéis: Lisboa em Manhattan*. Lisboa: Estampa, 81-93.
- WUILLMART, Françoise (2000). «Traduire c'est lire». In LIBENS, Christian (ed.). *Ecrire et traduire*. Bruxelles: Luc Pire / Parlement de la Communauté Française de Belgique, 15-22.

**Resumo:** Neste texto, pretendemos debruçar-nos sobre a tradução de Marie Claire Vromans do conto migueisiano «Léah». Partimos, pois, de uma análise do texto de partida para tecer alguns comentários relativamente ao texto de chegada e a algumas negociações tradutivas.

**Abstract:** In this text we intend to provide some critical reflections on Marie Claire Vromans' translation of Miguéis' short story, «Léah». We have therefore analysed the source text in order to appraise some of the translational negotiations which have been identified in the target text.